

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ANÁLISE DE POLÍTICAS E SISTEMAS DE SAÚDE**  
**BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA**

**PROTAGONISMO ESTUDANTIL: reflexões de uma jovem sanitarista**

CLÁUDIA DE CÁSSIA SILVA MELLO

PORTO ALEGRE

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ANÁLISE DE POLÍTICAS E SISTEMAS DE SAÚDE**  
**BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA**

**PROTAGONISMO ESTUDANTIL: reflexões de uma jovem sanitarista**

Autora: Cláudia de Cássia Silva Mello.

Manuscrito apresentado como requisito básico para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão II – APS, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Izabella Barison Matos.

PORTO ALEGRE

2013

# **PROTAGONISMO ESTUDANTIL: reflexões de uma jovem sanitarista**

Cláudia de Cássia Silva Mello<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Nos quatro anos, de graduação em Análise de Políticas e Sistemas de Saúde-Bacharelado em Saúde Coletiva (APSS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), senti-me provocada a participar ativamente da construção do meu aprendizado, de modo que essa decisão me oportunizou a realização de itinerários em diversos cenários de prática e vivências. Tais caminhos me trouxeram riqueza e diversidade de vivências, as quais entendo que devem ser compartilhadas. Considerando o exposto, apresento meu itinerário no protagonismo estudantil na formação de sanitarista. Assim como busco discutir a potência de transformação do espaço ocupado na universidade e na sociedade. Desejo, ao fim, que estas reflexões suscitem indagações de interesse para discentes, docentes e profissionais da saúde coletiva. A pretensão é contribuir nas discussões acadêmicas acerca da necessidade de considerar o protagonismo do discente na sua formação, bem como manter e continuar criando propostas para uma formação em saúde contra-hegemônica, eticamente comprometida com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS).

**Palavras-chave:** Relato de experiência. Protagonismo Estudantil. Formação Profissional.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Análise de Políticas e Sistemas de Saúde – Bacharelado em Saúde Coletiva.

## **ABSTRAT**

In the four years undergraduate degree in policy analysis and health systems-Bachelor of collective health (APSS), Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), I felt provoked to participate actively in the construction of my learning, so that this decision made me the realization of itineraries in various practical scenarios and experiences. Such paths brought me wealth and diversity of experiences, which I believe should be shared. Considering the above, I present my itinerary in the student role in the formation of it. So as I discuss the power of transformation of space occupied in the University and in society. Desire, after which these reflections give rise to questions of interest to students, teachers and professionals in public health. The intention is to contribute in academic discussions about the need to consider the role of students in their training, as well as maintain and continue creating proposals to a counter-hegemonic health training and ethically committed to the principles and guidelines of the unified health system (SUS).

Keywords: Case studies. Student Leadership. Vocational Training

## **Introdução**

Nos quatro anos, de graduação em Análise de Políticas e Sistemas de Saúde-Bacharelado em Saúde Coletiva (APSS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), senti-me provocada a participar ativamente da construção do meu aprendizado, de modo que essa decisão me oportunizou a realização de itinerários em diversos cenários de prática e vivências.

Tais caminhos me trouxeram riqueza e diversidade de vivências as quais entendo que devem ser compartilhadas. Assim, considerando o exposto, apresento meu itinerário no protagonismo estudantil na formação de sanitarista. Assim como busco discutir a potência de transformação do espaço ocupado na universidade e na sociedade.

Nas últimas décadas, temos acompanhado rápidas transformações na sociedade contemporânea, que incluem o avanço de novas tecnologias e diferentes desafios sociais. Por isso, mostra-se urgente disseminar a ideia de uma formação mais generalista, na qual o desenvolvimento de competências e habilidades dê conta de formar profissionais que consigam dar soluções aos problemas que se apresentam, através de respostas rápidas e eficazes.

Quando ingressamos na universidade estamos construindo um projeto de vida e é neste momento que o estudante faz sua escolha. Vai ser o ator principal de suas ações sendo coautor da sua formação e desenvolvendo potencialidades, aprendendo com a realidade que o cerca ou tornar-se coadjuvante sendo um mero recebedor de conhecimento e reproduzidor de modelos hegemônicos já existentes.

Durante o percurso como discente no Curso de Saúde Coletiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), optei por não limitar minha formação profissional somente com as atividades propostas em aula, pois compreendi pelas leituras e discussões, a importância de ampliar os olhares e alcançar novos voos que me ofertassem melhor compreensão dos processos de adoecer e de ser saudável. Nessa escolha, não posso deixar de pontuar que o referencial teórico ofertado, configurou-se um dispositivo importante para que eu pudesse compreender que o aprendizado torna-se rico, quando é possibilitado ao aluno intervir num contexto social.

Na minha perspectiva, posso dizer que o protagonismo estudantil desenvolve-se entre aqueles sujeitos com iniciativa e que tenham um espírito libertário e resistente às amarras. Quando me refiro às amarras quero dizer: seduzir-se por certo jogo clientelista de trocas desiguais de interesses e de vantagens. Uma forma de corrupção disfarçada em benefício próprio que não contribui com o modelo de sociedade igualitária que tanto almejamos. O objetivo parece ser o exercício da cidadania, para além de si próprio, assumindo o compromisso e a responsabilidade de exercitar sua autonomia de forma reflexiva e crítica e não se omitindo.

### **O Bacharelado em Saúde Coletiva (APSS)**

Para contextualizar minhas experiências, inicio abordando a formação no Bacharelado em Saúde Coletiva, curso de graduação proposto no ano 2009, por uma equipe de professores vinculados a diferentes unidades formativas da Universidade

Federal do Rio Grande do Sul com intuito de formar Sanitaristas com um perfil de generalistas atuando na formação do indivíduo, voltado para a saúde das populações e o fortalecimento do SUS.

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) 2008 propõe práticas multiprofissionais e interdisciplinares (UFRGS, 2010), com forte atuação na análise, formulação de Políticas Públicas e nas ações de promoção e educação em saúde, vigilância em saúde, além do planejamento, gestão e avaliação em saúde seja direta ou indiretamente, que sejam capazes de participar no processo de tomada de decisões. É a consolidação de uma formação contra o modelo hegemônico, em defesa da vida individual e coletiva garantindo atenção integral à saúde da população.

A estrutura curricular do curso é organizada por Unidades de Produção Pedagógica (UPP), e não em disciplinas como ocorre em grande parte dos cursos de graduação da Universidade, o que gera estranhamentos nos primeiros momentos. Diferenciam-se as UPPs por estas não serem formatadas em disciplinas e utilizarem diferentes metodologias de ensino não somente aulas expositivas e na transmissão de conteúdos como grande parte de cursos tradicionais. Uma UPP pode ser trabalhada de forma transversal, como exemplo, temas da sociologia, da antropologia e da filosofia. O mesmo tema pode ser problematizado em diferentes áreas facilitando sua compreensão. Aos poucos todos os conceitos até então apreendidos e formatados se desconstruem quebrando paradigmas. A cada semestre o curso torna-se mais interessante, pois a dinâmica das UPPs vai ficando mais evidente. Seu desenvolvimento ao longo do semestre se dá de forma articulada gerando produção de conhecimento interdisciplinar.

São utilizados portfólios como uma das ferramentas de avaliação para ressignificar as experiências e aprendizados desenvolvidos. Assim os docentes e os próprios discentes podem acompanhar o desenvolvimento a partir de reflexões das vivências que pode ser produzido por meio físico (caderno ou pasta) ou virtual (web fólio). A valorização da autonomia e o respeito as suas singularidades fazem com que os estudantes sintam-se encorajados a buscar novos desafios. Toda esta vivência contribui para a produção acadêmica que se traduz em forma de participação em congresso e eventos; projetos de extensão e pesquisa; e gerou uma publicação com narrativas de 22 estudantes de Saúde Coletiva da UFRGS com o título “Fiz vestibular pra Saúde Coletiva!” (CECCIM, 2013).

## **Os itinerários do Protagonismo Estudantil**

No ano em que iniciei a graduação, 2009, sentia certa apatia dos jovens na participação das discussões políticas, econômicas e sociais. Percebi que estava equivocada, pois com meu envolvimento gradativo em diferentes projetos de extensão, tive oportunidade de ver no cotidiano em que espaços os jovens estavam sendo atores de sua formação profissional e cidadã. Assim, durante o período de férias fui “vivente” e facilitadora do projeto Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS), durante o ano todo voluntária do projeto Programa de Educação Tutorial (PET) e, em alguns sábados participei do projeto de extensão História de Instituições de Saúde de Porto Alegre: Santa Casa de Misericórdia, Hospital Psiquiátrico São Pedro, Hospital Colônia Itapuã e Sanatório Partenon; encontrei muitos colegas que, como eu, queriam discutir política e as demandas da sociedade bem como a formação profissional.

Ingressar num curso com estrutura curricular não disciplinar, utilizando metodologias de ensino diferentes e nada ortodoxas provoca o desejo de ir além. A opção foi buscar um projeto que pudesse contribuir com minha formação, mas que não fugisse da perspectiva da graduação. Entrei no Programa de Educação Tutorial PET Conexões de Saberes - Cenários de prática e de estágios curriculares noturnos. É um projeto multiprofissional e interdisciplinar constituído por alunos de origem popular de cursos noturnos da UFRGS na área da saúde (Saúde Coletiva, Odontologia, Psicologia e Serviço Social) e uma tutora docente do Bacharelado em Saúde Coletiva. O objetivo deste grupo PET é incentivar a participação e o protagonismo estudantil em ações do controle social, estimular o reconhecimento de competências e habilidades desenvolvidas durante o processo de formação e construção do conhecimento. No grupo são problematizados os aspectos vivenciados nos cenários que se inserem.

Existe uma valorização da autonomia intelectual e dos saberes que adquirimos em experiências fora do espaço acadêmico, o reconhecimento de competências e habilidades desenvolvidas durante o processo de formação que muitas vezes somente na sala de aula da graduação não conseguimos perceber. Além do incentivo à participação e ao protagonismo estudantil em ações do controle social entre outras.

Uma das particularidades deste projeto é o incentivo ao desenvolvimento da escrita, através do portfólio e fichas de leitura que também faz parte do processo de

avaliação dos alunos. O tutor tem papel fundamental de mediador no ensino-aprendizagem neste processo, auxilia os estudantes a criarem novos hábitos e comportamentos, no sentido de subsidiar alternativas para aprendizagem significativa. Para Moreira (2006, p.18), esta aprendizagem nos permite lidar com a mudança de forma construtiva sem deixar dominar-se por ela, e que o conhecimento é construção nossa.

Alguns resultados podem ser citados como a apropriação dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC); identificação de cenários de prática e de estágios curriculares noturnos; execução de projetos de extensão realizando créditos complementares, aos sábados; atuação em instâncias do controle social; elaboração e execução do projeto de pesquisa abordando acesso/permanência/evasão/demandas do ensino noturno; dentre outros.

Na busca por mais vivências significativas surge a retomada do projeto VER-SUS – Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde. Ingressei no projeto como “vivente” e em outro momento como Facilitadora. Fazer uma imersão no Sistema Único de Saúde através do VER-SUS é a oportunidade de sair da academia para vivenciar a realidade dos serviços de saúde. O projeto é uma iniciativa do Ministério da Saúde que visa qualificar a formação de profissionais de saúde e incentivar as ações multiprofissionais e interdisciplinares. A retomada deste projeto oportunizou minha participação como “vivente” e Facilitadora.

No período de férias estudantes de todo Brasil participam durante dez dias de vivências na rede de saúde de um determinado território. É um ambiente de compartilhamento de saberes e sentimentos entre estudantes, profissionais e usuários. Que não contribui somente para a formação dos estudantes como na construção de espaços para o diálogo intersetorial. As ações em redes e os intercâmbios nas práticas em saúde significam envolver vários atores no debate e com eles construir projetos coletivos em direção a uma sociedade mais equânime. (MEIRELLES E ERDMAN, 2006)

Neste período o vivente entra num processo de imersão, onde vai interagir com a comunidade conhecer suas demandas e rotinas nos serviços de saúde. O VER-SUS nos faz despertar para uma realidade com suas complexidades, que nem sempre conhecemos na academia. O maior desafio é o trabalho em equipe multidisciplinar. A formação nos cursos da área da saúde parece ainda não priorizar o trabalho multiprofissional e interdisciplinar. Percebe-se em alguns serviços que cada profissional faz seu trabalho

sem dialogar com outros membros da equipe. Repensar estes processos de trabalho de forma crítica e reflexiva era o norte nas discussões entre viventes.

Após ter sido vivente, como nós denominamo-nos, tive a experiência de ser facilitadora. Como facilitadora experienciei a autogestão, pois não representava a figura de um chefe do grupo. Mas alguém para garantir que o processo fluísse, construindo soluções coletivamente e pudesse interagir com todos os atores. O VER-SUS é um grande desafio e ao mesmo tempo uma potencia na formação, pois agrega estudantes de vários cursos que muitas vezes não se reconhecem como área da saúde. É uma experiência pautada no diálogo entre gestores, profissionais, estudantes e usuários, ainda que necessário uma maior adesão de estudantes de medicina.

Outra iniciativa foi de cursar a disciplina de Práticas Integradas em Saúde ofertada pela Coordenadoria da Saúde (COORSAUDE), que é um órgão colegiado da UFRGS, constituído junto à Pró-Reitoria de Graduação, objetivando a integração entre iniciativas e projetos voltados a mudanças na formação das profissões da saúde e o fomento ao desenvolvimento de tecnologias inovadoras de aprendizagem (FERLA e ROCHA, 2011).

Particpei da primeira turma que contou com os alunos dos cursos de Saúde Coletiva, Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Serviço Social numa proposta multiprofissional e interdisciplinar. Os estudantes são divididos em grupos diversos e participam de atividades de concentração (reunião de todos os grupos) e atividades de dispersão (grupos divididos para atividades de campo no território). Sua relevância é que os alunos refletem e discutem suas vivências no território, desta forma agrega-se o saber popular ao conhecimento.

### **Atual conjuntura do protagonismo**

Historicamente os jovens já viveram momentos emblemáticos, como o de Maio de 1968, na França; o de Woodstock, no final dos anos 60, nos EUA; o movimento Black Power, iniciado em 1966; o Movimento Feminista, que se consolidou na década de 60. Depois de um tempo de certa letargia, mais recentemente, eclodiu pelo mundo uma onda de ativismo político, iniciada pela Primavera Árabe em 2010. O estopim foi à morte de um tunisiano que ateou fogo em seu próprio corpo em protesto contra a

corrupção das autoridades na Tunísia. Após este, as manifestações espalharam-se pelo Egito, Líbia, Iêmen, Síria, Bahrein, Omã, Marrocos e Argélia. As manifestações tinham diferentes reivindicações, para algumas era a melhoria na qualidade de vida da população.

Em 2011, na Inglaterra, outro movimento se forma e espalha-se por todo Reino Unido. Jovens utilizam as redes sociais para organizarem uma manifestação em Londres contra o plano de austeridade do governo inglês, que previa cortes nos gastos públicos em seguridade social, segurança, saúde, educação e cultura. Além de aumento dos impostos e das tarifas do transporte público, ainda estavam vivenciando a alta da inflação e o desemprego. Em Maio de 2013, na Turquia, manifestantes fazem vários protestos contra o autoritarismo do governo. Tais acontecimentos mostraram que a juventude, mais uma vez por meio de redes sociais, voltou a ocupar os espaços urbanos para protestar contra a crise do mercado e as políticas impostas pelos governos ou mesmo a falta de aplicação destas políticas públicas.

No Brasil, em outubro 2012, os jovens voltam a protagonizar as manifestações nas ruas. Os protestos iniciaram em Porto Alegre com a restrição das manifestações culturais no Largo Glênio Peres. Insatisfeitos com tal medida, o movimento de Defesa Pública da Alegria convoca jovens, através das redes sociais, a participar de um ato contra a privatização dos espaços públicos na cidade. Em abril 2013, outra manifestação ocorre em Porto Alegre, agora contra o aumento de R\$. 0,20 na tarifa de ônibus. A manifestação foi organizada pelo Bloco de Luta pelo Transporte Público e não ocorreu apenas pelo aumento da passagem, mas pelas condições do transporte público e a mobilidade urbana, contra a privatização dos espaços públicos e pelo direito à cidade. Diante da enorme pressão e insistência dos manifestantes, o Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul (TCE/RS) emite uma medida cautelar determinando que a tarifa não seja reajustada. Em auditoria o TCE detectou erros e inconformidades no reajuste da passagem de ônibus. A Prefeitura de Porto Alegre através da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) acata a determinação do TCE. A tarifa permaneceu reajustada de 22 de março a 5 de abril. Mas o que não se esperava era a potência desta vitória, que acabou ganhando o cenário nacional. Neste momento a classe média também sai às ruas expondo suas demandas e insatisfação com a corrupção e a impunidade. (Zero Hora, 2013, p. 37)

É um movimento plural, caracterizado por não querer o envolvimento de partidos políticos, fato que gerou certa tensão por parte dos participantes dos protestos.

As ruas são tomadas por manifestantes de vários grupos e a violência normalmente ocorre como resposta à opressão. Os prejuízos ao patrimônio público e privado foram grandes e a resposta foi violentas batalhas entre a polícia e os manifestantes. Segundo Sylvio Micelli (em artigo publicado no site Observatório de imprensa, edição on-line 751/2013), destaca que as manifestações que têm sido realizadas são democráticas. A violência está relacionada mais à repressão e ao despreparo da polícia, no que diz respeito às balas de borracha e ao gás lacrimogênio. A mídia, que até então acusava os manifestantes de vândalos, passa a dar voz aos movimentos e chamar a população para também sair às ruas.

Na década de 60, em vários países, estudantes e operários uniram-se em revolta ocupando as ruas das cidades e as praças, conforme já assinaladas. Uma forma de expressar a luta para mudar o mundo propondo um novo projeto de sociedade. Se naquela época as lutas eram contra a política conservadora e a autocracia, hoje os jovens buscam melhorias mais calcadas no seu dia a dia, no seu cotidiano, cuja inspiração está na cultura e na arte. Nos anos de 1960 a 1980 a música popular brasileira deu sua contribuição com suas letras que impulsionaram a mobilização social; agora, embalados em outros ritmos, como o Rap, que apresenta letras de protesto contra as desigualdades sociais, raciais e religiosas, continuam a protestar.

Depois de maio de 68 e os movimentos ocorridos nesta, e nas décadas seguintes, tivemos importantes conquistas sociais como a igualdade de direitos civis, a afirmação da mulher, a liberação sexual, o reconhecimento das lutas dos estudantes e da diversidade cultural. Passados mais de quarenta anos estas transformações ainda são debatidas. Em relação ao Brasil, falava-se em arrefecimento dos movimentos, o fato é que, por um longo período, as ruas não pertenciam mais às novas gerações. A partir de abril de 2013, muda o cenário e as redes sociais servem de base para a organização das manifestações. Os jovens são convocados para sair às ruas e expressar sua insatisfação com as estruturas políticas e os partidos. Bandeiras são substituídas pelos cartazes com frases de ordem.

Contemporaneamente a Internet é o ambiente onde os protestos juvenis são registrados, as redes sociais são vias de compartilhamentos e abrangem uma grande quantidade de pessoas. Para Santos (2011, p.3) o ciberativismo, como são chamados os movimentos nas redes sociais, é uma ferramenta utilizada para mobilizar pessoas em todo mundo para causas diversas, assim como convocar para manifestações nos espaços urbanos.

Recentemente aqui no Brasil e no mundo voltam a explodir protestos e manifestações que, por meio dos cartazes, mostram que os jovens não se sentem mais representados pelos políticos, não legitimam mais as instituições e querem eles mesmos se representar. Exemplo disso foi amplamente divulgado pelas mídias fotos e figuras de cartazes ou mesmo de falas dos manifestantes que diziam: “sem partido”.

Para Carlos Rollsing (matéria do Jornal Zero Hora, publicada em 18/06/2013 - Crise partidária motiva protestos sem influência de políticos) a sociedade está cansada de esperar pela solução de antigos problemas. Gastos excessivos com eventos esportivos, polêmicas ambientais, inflação e descrença na política geraram uma insatisfação generalizada que levou aos protestos. A descrença com os partidos políticos e as instituições públicas fez com que a população encontrasse outros meios para se organizar, como as redes sociais. A classe média em especial vem sofrendo há muitos anos com a falta de representação política, as crises econômicas e sociais e os regimes governamentais, em especial os autocráticos.

Estes movimentos, inevitavelmente, têm sido comparados com as manifestações de 1968, no entanto, são diferentes porque hoje há uma pulverização das demandas, já no ano de 68 a sociedade mobilizava-se contra a ditadura. Em entrevista publicada no jornal Zero Hora, de 13 de abril de 2013 o contemporâneo pensador francês Michel Maffesoli faz uma análise sobre a retomada das manifestações juvenis. Abordando os eventos ocorridos em Porto Alegre, que pediam a redução do valor das passagens de ônibus, afirma que, diferentemente de décadas passadas, não temos mais uma grande causa e sim uma preocupação com nossos problemas cotidianos, como mobilidade urbana, segurança, educação, saúde, homofobia, entre outros.

Não discutimos mais qual o projeto de sociedade queremos para o futuro, e sim interesses coletivos, como abordado na entrevista. A sociedade hoje é tomada muito mais pelas emoções do que pela razão. Não precisamos lutar contra a ditadura militar e seus representantes, mas sim estarmos juntos discutindo e refletindo sobre as questões do nosso cotidiano. A sociedade está cansada e não se convence mais com falsas promessas.

A frase mais pronunciada nas manifestações ocorridas ao longo de 2013 é: “não nos sentimos mais representados por partidos, políticos e instituições”. A incapacidade e ineficiência dos poderes Executivo e Legislativo em deliberar, nos leva à crise de representatividade que estamos vivendo. Não temos o retorno esperado dos altos impostos recolhidos pelo governo. Falta mais investimento em educação, saúde,

segurança, transporte, assim como o dinheiro recolhido pelos pedágios não garantem a melhoria das estradas. Após anos de estabilidade econômica no país a inflação retorna visivelmente no comércio. E as reformas política, tributária e agrária que não avançam. A Reforma Agrária deveria ser uma política pública para fortalecer a agricultura familiar e o desenvolvimento rural sustentável, onde o produtor pode tirar seu sustento sem acabar com os recursos naturais. As questões trabalhistas, como a flexibilização das leis e a redução na jornada de trabalho.

O povo brasileiro está extremamente insatisfeito com a nossa sociedade desigual, onde o Estado deixa de ser protetor de seus cidadãos para agir em prol das empresas e o mercado. O neoliberalismo reforça o ideal de que o setor público é ineficiente e responsável pela crise e o setor privado sinônimo de qualidade. Estamos em meio a uma crise mundial onde o modelo neoliberal e seus ideais privatistas já não se sustentam mais. A sociedade quer participar das decisões e definir os rumos para o Brasil. Não queremos mais esta política partidária e institucional de favorecimentos e que enriquece um pequeno grupo. Beneficiando as grandes corporações em detrimento as camadas mais pobres. Segundo Mouffe (2003, P.21), é necessário estabelecer novas fronteiras políticas que incorporem múltiplas demandas democráticas e possam oferecer alternativas ao neoliberalismo. Diante desta incapacidade de criar políticas sociais redistributivas os governos argumentam que a saída são os planos de austeridade.

### **Formação Profissional**

A educação, assim como a saúde pública no Brasil, enfrentam sérios problemas com o financiamento público e o estímulo à privatização das instituições. O desafio contemporâneo é como preparar os estudantes da área da saúde para o enfrentamento de tais situações no seu cotidiano de trabalho. Sabemos que o Sistema Único de Saúde (SUS) amarga o sucateamento e a pressão pela privatização dos serviços. Quem vai absorver maior parte dos profissionais é o SUS. A formação de profissionais da saúde no Brasil contempla o debate contemporâneo, no qual a construção de novas práticas acadêmicas é incentivada pelo Ministério da Educação, tal qual a internalização de novas posturas profissionais, aspirada pelo Ministério da Saúde (UFRGS, 2010, p.2). Espera-se que a formação em saúde seja reflexiva e crítica. É preciso desenvolver

competências e habilidades para que os profissionais consigam dar respostas rápidas e eficazes aos problemas que se apresentam.

Nota-se, no entanto, que alguns cursos de graduação na área da saúde parecem não dar conta de uma nova postura profissional (CECCIM et.al, 2008). As instituições formadoras ainda não estão convencidas de que estes processos de mudança apontam para a produção do cuidado integral e resolutivo. Atualmente o profissional demandado é aquele que consegue olhar o usuário do serviço de saúde de forma integral, ou seja, que tenha uma concepção da clínica ampliada e do Projeto Terapêutico Singular, onde se discute o caso com uma equipe multidisciplinar, e que saiba respeitar e reconhecer as singularidades e subjetividades dos usuários, sendo o usuário o sujeito que também participa na construção de alternativas terapêuticas.

O olhar integral que a Saúde Coletiva tem sobre o indivíduo, compreendendo-o como um todo, ainda é, para muitos cursos, uma novidade e um estranhamento na formação acadêmica. As instituições parecem, ainda, não estarem preparadas para esta realidade de integrar os saberes. A construção coletiva de espaços para estágio parece ser pouco utilizada, pois necessita de maior participação de estudantes em comissões que definem os campos de estágio, esta prática exige o diálogo entre instituição, docentes e discentes, que muitas vezes torna-se inviável pelo fato de ser uma disputa de interesses privando o aluno de ser o ator principal na sua formação.

Percebe-se em algumas instituições de saúde, sejam em hospitais ou Unidades Básicas de Saúde (UBSs.) filas intermináveis, descaso e desrespeito ao atender o usuário, omissão de informações. A falta de sensibilidade e ética profissional são uma constante nos serviços públicos ou privados. Uma visão que parece ser descompromissada com o usuário do SUS e que deixa a impressão de que suas queixas não importam. Embora exista outra realidade de servidores que são responsáveis e comprometidos com os princípios do SUS, observa-se que sempre é possível fazer arranjos em favorecimento de alguém e que geralmente o favorecido é das relações pessoais ou familiares do servidor. O que implica em estar privilegiando nem sempre quem realmente tem mais urgência.

Esta discussão também remete à disputa de um conceito de saúde que de um lado está à sociedade e as grandes corporações profissionais, com seu apelo pela saúde individual voltada para o tratamento e a cura das doenças. E do outro lado, o Movimento da Reforma Sanitária, que nasceu no período da ditadura militar com o

tema saúde e democracia. Surgiu como um novo projeto de saúde, que entende a saúde como um processo de qualidade de vida.

A partir destas observações, entende-se a importância da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão na formação superior. Será possível se houver uma maior proximidade entre academia e a comunidade. O ensino-aprendizagem precisa ter a teoria aliada à prática. Não se admite que hoje um estudante de graduação tenha contato com os serviços de saúde apenas no último ano de seu curso. Teixeira (1956) define a educação de nível superior no passado como a educação da classe dominante ou a educação de especialistas, com privilégios semelhantes aos das classes dominantes com intenção de formar indivíduos para a chamada elite social ou de espírito. Sendo esta proposta muito distante da formação democrática que, ao contrário das escolas do passado, oferece a educação comum, aquela que a vida oferece espontaneamente através da família ou participação na vida social mostrando ao aluno que o saber não é algo acumulado e inútil, mas a arte de fazer as coisas, resolver problemas humanos e torná-lo um indivíduo consciente. A troca de saberes entre alunos, comunidade e trabalhadores proporciona um enriquecimento na construção do conhecimento. Dificilmente esta troca ocorre na sala de aula com a reprodução de conteúdos.

Ao visitar instituições de saúde, conversando com trabalhadores e a comunidades também se percebe o quanto se tornou cansativo a inserção da academia com seus estudantes, que fazem coleta de dados e pesquisas sem deixar nenhuma contribuição para melhoria da qualidade de vida do “objeto de estudo”. Professores e alunos precisam rever suas práticas junto à comunidade, pois se trata de um território rico em experiências e subjetividades.

### **O ensino público e a permanência dos estudantes**

Após longos anos sem investimento no ensino superior público é lançado o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. De fato as vagas foram ampliadas, criou-se o sistema de cotas, que vem beneficiando estudantes de escolas públicas e afrodescendentes. Passada a euforia da criação de vagas é chegado o momento de avaliar a evasão destes cursos, pois sabemos que não basta proporcionar o acesso, é preciso garantir a permanência destes alunos na universidade.

Ainda não existe uma pesquisa formal que indique um percentual, mas em conversa com os colegas sabe-se que muitos alunos dos cursos noturnos da UFRGS na área da saúde são trabalhadores e de baixa renda. Mesmo com o esforço em lançar o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) a universidade pública ainda não está preparada para receber estes estudantes. A estrutura não está adequada, falta a ampliação dos horários dos laboratórios, bibliotecas, restaurantes universitários, entre outros. É necessário adequar o ensino noturno para a realidade destes alunos que são trabalhadores, estudantes e muitas vezes mães e pais com família constituída.

O maior dilema para estes alunos é trabalhar e conseguir participar das atividades extracurriculares que a universidade oferta. Para Zago (2006, p.228) uma efetiva democratização da educação requer políticas para a ampliação do acesso e fortalecimento do ensino público, em todos os seus níveis, mas requer também políticas voltadas para a permanência destes estudantes no sistema educacional de ensino. A expansão do ensino superior que ocorreu de 1930 a 1970 foi um marco para criação de novas instituições privadas, o que acabou por mercantilizar a educação e restringir o acesso ao nível superior.

### **Considerações finais**

A discussão proposta sobre o protagonismo estudantil e a formação profissional no Brasil não é recente, mas é um debate atual. Não basta somente formar, é necessário que haja compromisso ético e humanístico com a sociedade. As instituições têm papel importante nesta transformação. O processo de ensino-aprendizagem deve ser significativo para o aluno, pois suas experiências de vida também fazem parte de sua formação.

A formação em Saúde Coletiva e a participação ativa em atividades e eventos despertaram em mim o desejo de estar atuando junto às comunidades mais pobres e desassistidas. Além de tornar-me uma militante do SUS defendendo seus princípios e diretrizes.

Estamos vivenciando um momento de muitas manifestações pelas redes sociais e nas ruas que provam a necessidade da formação de profissionais cidadãos que tenham

competência e habilidade para tratar das questões cotidianas e das desigualdades que tanto afligem a população.

Espera-se que o artigo tenha contribuído para reflexões acerca da importância de inovar a formação em saúde no país, assim como subsidiar novos debates e propostas de ensino que possam integrar os cursos da área da saúde.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMÂNCIO Fº. Antenor. **Dilemas e desafios da formação profissional em saúde.** Interface – Comunic., Saúde, Educ., v8, n15, p.375-80, mar/ago 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v8n15/a19v8n15.pdf>>. Acesso em: 28 de abril de 2013.

CAMELO, Silvia H. H.; ANGERAMI, Emília L. S. **Formação de recursos humanos para a Estratégia de Saúde da Família.** Ciência, Cuidado Saúde 2008 Jan/Mar; 7(1): 045-052 Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/4895/3208>> Acesso em: 28 de abril de 2013.

CARVALHO, Y. M. & CECCIM, R. B. **Formação e educação em saúde: aprendizados com a saúde coletiva.** In: CAMPOS, G. W. S. et. al. (Orgs.) Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Fiocruz, 2006.

CECCIM RB, ARMANI TB, OLIVEIRA DLLC, BIILIBIO LF, MORAES M, SANTOS ND. **Imaginários da formação em saúde no Brasil e os horizontes da regulação em saúde suplementar.** Ciência & Saúde Coletiva, 13 (5): 1567-1578, 2008.

CECCIM, Ricardo B.; FEUERWERKER, Laura C. M.; **O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social.** Physis vol.14 n° 1 Rio de Janeiro Jan./June 2004.

CECCIM, Ricardo B. **Fiz vestibular pra Saúde Coletiva! /** Organizador Ricardo Burg Ceccim. – Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul ; Secretaria Estadual de Saúde, Escola de Saúde Pública, 2013. 100 p. ; il. vol.14 n° 1 Rio de Janeiro Jan./June 2004.

FAUSTO, Bóris. **1930-HISTÓRIA DO BRASIL.** 2. ed. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FERLA AA, PINHO LB, DIAS MTG. **Projeto de ação produzido no âmbito do Programa de Atividades de Aperfeiçoamento Pedagógico.** Disponível em: <<http://versus.otics.org.br/saude-ufrgs/mural/projeto-do-paap/view>>. Acesso em 09 de junho de 2013

FERLA AA, ROCHA CMF. **Cadernos da saúde coletiva: inovações na formação de sanitaristas /** Organizadores: Alcindo Antonio Ferla, Cristianne Maria Famer Rocha. - Porto Alegre: UFRGS, 2013.

FREIRE, Silene M. **MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL: LUTAS PASSADAS, DESAFIOS PRESENTES.** Universidade do Estado do Rio do Janeiro – Brasil. Rhela. Vol. 11. Ano 2008, pp. 131-146. Disponível em: <<http://www.rhela.rudecolombia.edu.co/index.php/rhela/article/viewFile/145/143>>. Acesso em: 30 de abril de 2013.

GONZÁLEZ, Alberto D. ALMEIDA, Marcio J. **Integralidade da saúde – norteador mudanças na graduação dos novos profissionais.** Ciência & Saúde Coletiva 15 (3): 757-762, 2010.

MACIEL, Lucas R. **POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO: PERSPECTIVAS PARA A UNIVERSIDADE BRASILEIRA.** Revista Participação, n° 18 (2010). Disponível em: <http://www.red.unb.br/index.php/participacao/article/view/5968/4940> Acessado em: 09 de junho de 2013.

MAFFESOLI, Michel. **Mudar o que é possível hoje.** Jornal Zero Hora, Paris, , 13 abr.2013.

MEIRELLES, Betina H S. ERDMANN Alacoque L. **REDES SOCIAIS, COMPLEXIDADE, VIDA E SAÚDE** Ciência, Cuidado e Saúde Maringá, v. 5, n. 1, p. 67-74, jan./abr. 2006

MERHY, Emerson E. **Integralidade: Implicações em Xequê.** Publicado como capítulo do livro Gestão em Redes: tecendo os fios da integralidade, IMSUERJ, CEPESC, 2006, p. 97 – 109. Disponível em: <<http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-20.pdf>>. Acesso em: 29 de abril de 2013.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. « **Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais** », Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 66 | 2003. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1290716>>. Acessado em 23 de março 2013.

MICELLI, Sylvio. Qual o limite para as manifestações públicas? Observatório de imprensa. Ano 17 ed. 751 18 jun. 2013. Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed751\\_qual\\_e\\_o\\_limite\\_para\\_manifestacoes\\_publicas](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed751_qual_e_o_limite_para_manifestacoes_publicas)>. Acesso em: 16 jul. 2013

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa subversiva. Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós Graduação em Educação da UCDB**. Campo Grande - MS, n. 21, p.15-32, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.gpec.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/289/142>> Acessado em: 19 de julho de 2013.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. Revista Política & Sociedade. Nº3 – out 2003. Disponível em: < <http://201.86.212.89/cursos/posgraduacao/dh/2008/outros%20subsidiarios/Valdevir%201.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2013.

Noite de protesto e violência. Zero Hora. 2013 jun 14; p.37.

ROLLSING, Carlos. Crise partidária motiva protestos sem influência de políticos. Jornal Zero Hora Porto Alegre, 18 jun. 2013. Disponível em: < <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/06/crise-partidaria-motiva-protestos-sem-influencia-de-politicos-4173475.html>> Acesso em 19.jul.2013

ROVERE, Mario R. **Planificación estratégica de recursos humanos en salud**. 2ª ed. Washington, D.C: OPS, 2006.

SANTOS, Fernando J A. O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas: das revoltas no Oriente Médio às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/view/7665/7045>> Acesso em: 23 jul. 2013.

SGUISSARDI, Valdemar. **Modelo de expansão da educação superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária**. Educ. Soc., Campinas, vol.29, n. 105, p. 991-1022, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n105/v29n105a04.pdf>>. Acesso em: 09 de junho de 2013.

TEIXEIRA, Anísio. **Os processos democráticos da educação nos diversos graus do ensino e na vida extraescolar**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.25, n.62, abr./jun. 1956. p. 3-16. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/processo.html>> Acesso em: 29 jun. 2013.

UFRGS. Projeto Pedagógico do curso de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde – Bacharelado em Saúde Coletiva. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2013.

VILELA, EM; MENDES, IJM. **Interdisciplinaridade e saúde: estudo bibliográfico**. Rev. Latino-am Enfermagem 2003 julho-agosto; 11 (4):525-31.

VENTURA, Zuenir. **1968: o que fizemos de nós**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2008.

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.